

O povoado onde todos vivem de portas e janelas fechadas

Categories : [Reportagens](#)

Enviada especial à Açaílândia, Maranhão – Os moradores de Piquiá de Baixo, vilarejo localizado na zona rural de Açaílândia, no interior do Maranhão, parecem acostumados a viver trancados. A impressão de quem chega pela primeira vez ao local é de que se trata de um povoado fantasma. Nos dias de semana é raro ver pessoas caminhando pelas ruas. Portas e janelas ficam fechadas o tempo todo. Dificilmente se avista alguém na janela ou a descansar na rede da varanda.

As ruas sem pavimentação e saneamento vivem esburacadas e enlameadas pela água suja que escorre dos canos das casas, muitas delas de madeira podre ou de alvenaria improvisada. O bairro é cercado por cinco siderúrgicas, fica à margem da ferrovia por onde passa o ferro extraído na mina de Carajás, no Pará, e é cortado pela Rodovia BR-222.

“Aqui é um lugar esquecido. Ninguém investe em nada. Sempre vi a luta de meu pai por melhorias e, como nasci e me criei aqui, entendo as aflições do nosso povo. São pessoas muito carentes”, diz Josikelly Alves de Oliveira dos Santos, de 31 anos. Ela é uma das filhas de Angelita, moradora citada na [primeira reportagem desta série especial sobre Piquiá de Baixo](#). A família de Angelita é conhecida na região por ser a única que teve condições de cursar ensino superior. Josi, como é conhecida, estudou junto com seus irmãos na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), em Imperatriz.

Desde 2008, ela atua como agente de saúde da Unidade Básica de Piquiá e se divide com mais um colega para dar conta de todas as famílias do povoado. Só ela é responsável por orientar mais de 150 famílias sobre como cuidar da higiene e prevenir os malefícios causados pela poluição, especialmente a do ar. “Visitamos as famílias e damos orientações. As crianças aqui gripam muito fácil, é uma gripe que não passa. Elas tomam medicação continuamente”, explica Josi.

Problemas de saúde

Entre as queixas mais recorrentes da [população acostumada a respirar pó de ferro](#) estão problemas respiratórios, como falta de ar, cansaço, falta de fôlego e coração acelerado. Na tentativa de minimizar um pouco os efeitos da contaminação na comunidade, os agentes de saúde orientam que seus moradores evitem tomar banho no rio e em brejos e não andem descalços no chão. O cuidado com a higiene pessoal também é estimulado, como lavar a mão muitas vezes ao dia, tomar pelo menos quatro banhos, forrar os telhados, limpar diariamente a casa e manter janelas e portas trancadas.

Josi lista problemas respiratórios, doenças de pele e hipertensão como comuns na comunidade. "Em 2009, quase todas as casas tinham um caso de pneumonia, além de coceira e hanseníase". Desde 2008, ela afirma ter contabilizado dez casos de AVC. "Temos muitos hipertensos", explica, para emendar: "Não se sabe comprovadamente qual a relação (com a poluição), mas posso dizer que há muitos casos para uma comunidade pequena".

"É comum para quem mora aqui ter o pulmão manchado", conta Josi. Além de cuidar da saúde do vilarejo, a agente de saúde enfrenta um drama familiar. Seu marido, Jucelino dos Santos, de 31 anos, sofre de "insuficiência respiratória aguda por motivo de poluição ambiental", [segundo laudo médico a que \(\(o\)\)eco teve acesso](#), emitido em junho de 2012, após um raio-x no tórax ter identificado inúmeras manchas em seu pulmão.